



UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS – BACHARELADO

RENAN BALTUZ
ORIENTADOR: DIOGO TOURINO DE SOUSA

FUTEBOL, POLÍTICA E RAÇA: O CASO DOS TREINADORES NEGROS NO
BRASIL CONTEMPORÂNEO

VIÇOSA - MG
DEZEMBRO – 2020

RENAN BALTUZ

FUTEBOL, POLÍTICA E RAÇA: O CASO DOS TREINADORES NEGROS NO
BRASIL CONTEMPORÂNEO

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa como requisito para a obtenção do título de Bacharelado em Ciências Sociais.

Orientador: Dr. Diogo Tourino de Sousa – DCS - UFV

VIÇOSA – MG
DEZEMBRO – 2020

RENAN BALTUZ

FUTEBOL, POLÍTICA E RAÇA: O CASO DOS TREINADORES NEGROS NO
BRASIL CONTEMPORÂNEO

Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa como requisito para a obtenção do título de Bacharelado em Ciências Sociais.

Orientador: Dr. Diogo Tourino de Sousa – DCS - UFV

Aprovada em: ____ de dezembro de 2020.

Dr. Diogo Tourino de Sousa
(Orientador)
(DCS – UFV)

Dr. Jeferson Boechat Soares
(Avaliador)
(DCS – UFV)

Dr. Tádzio Peters Coelho
(Avaliador)
(DCS – UFV)

VIÇOSA – MG
DEZEMBRO - 2020

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a meus pais, Vanda e Roberval, pelo carinho, amor e principalmente pelo apoio durante todo o período em que fiquei na UFV. As lições de carinho, paciência e tolerância são experiências que levarei para a vida toda e nas quais me apoio para ser sempre um filho e ser humano melhor a cada dia. Quero agradecer também à memória do meu irmão Viktor, que carrego comigo todos os dias e que me fortalece diante das dificuldades e conquistas da minha vida.

À minha companheira Jamille, pelo amor, suporte e inspiração, sem os quais jamais teria conseguido completar essa jornada. Os momentos de luta e superação pelos quais passamos juntos me ensinaram o verdadeiro significado de companheirismo e do amor que cobra, aceita e trabalha na construção de uma vida com responsabilidade e empatia.

As minhas companheiras e companheiros de vida universitária. Raíza, Anajá e Francine, que com seu carinho e amizade me ajudaram a descobrir quem eu sou de verdade, e das infinitas conversas na mesa do café que guardarei na memória e no coração pelo resto dos meus dias. Caio e Camila, minhas companhias de curso, que com nossas intermináveis conversas sobre política me fizeram crescer como cientista social e como ser político e humano, e que me ensinaram a sempre ser ativo ao defender as coisas em que acredito, e lembrar que a política, a ciência e a vida devem ser levadas com carinho, amor, responsabilidade e iniciativa.

E por fim, às professoras e professores do Departamento de Ciências Sociais, pelos ensinamentos durante esse período de graduação e com os quais pude descobrir a importância dessa profissão no mundo e também meu amor pelas ciências sociais. Gostaria de agradecer especialmente meu orientador Diogo, que teve paciência com os problemas que enfrentei durante a confecção desta pesquisa e por sempre estar disposto e disponível a oferecer sua ajuda e suporte para que eu pudesse alcançar meus objetivos.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as razões pelas quais existem poucos treinadores negros dentro do contexto do futebol brasileiro. Para isso faremos o estudo de caso da carreira dos treinadores Roger Machado e Andrade, que dirigiram clubes da elite do futebol nacional. A pesquisa consiste de dois momentos distintos onde, no primeiro capítulo faremos uma contextualização histórica das relações políticas e raciais que marcaram a introdução da prática do futebol no Brasil. Com o embasamento teórico trazido por Mário Filho (2003) e Wisnick (2008), veremos como essa prática teve um início elitista no país e como a luta pela profissionalização do esporte esteve ligada as questões raciais. Por fim, no segundo capítulo, serão apresentados os conceitos de racismo individual, institucional e estrutural trazidos por Almeida (2019). Esses conceitos então, ajudarão na construção da análise dos casos dos treinadores Roger Machado e Andrade, evidenciando como as relações raciais se apresentam no futebol brasileiro contemporâneo.

Palavra-chave: Futebol; Política; Racismo; Brasil.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the reasons for which there are so few black coaches in the Brazilian soccer context. For that we will analyze the careers of Roger Machado and Andrade, coaches that have trained elite clubs from the country. The research consists in two distinct moments where, on the first chapter we will do a historical contextualization of the political and racial relations that marked the introduction of the practice of soccer in Brazil. With the theoretical basis brought by Mário Filho (2003) and Wisnick (2008), we can see how this practice had an elitist beginning in the country and how the struggle for the professionalization of the sport was connected to the racial matters. Lastly, on the second chapter, it will be presented the concepts of individual, institutional and structural racism brought by Almeida (2019). These concepts, then, will help in the case study of the coaches Roger Machado and Andrade, evidencing how the racial relations present itself in the contemporary Brazilian soccer.

Keyword: Soccer; Politics; Racism; Brazil.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
CAPÍTULO 1 – AS ORIGENS DO FUTEBOL BRASILEIRO: RACISMO, ELITISMO E A LUTA DE NEGROS E TRABALHADORES.....	10
1.1 - <i>A formação do futebol no Brasil.....</i>	10
1.2 - <i>Futebol das elites x futebol do povo: racismo e elitismo, reflexos da sociedade nos campos de futebol.....</i>	12
1.3 - <i>A profissionalização do futebol: A política institucional entra em campo.....</i>	15
CAPÍTULO 2 – O FUTEBOL NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: RACISMO, A FALTA DE OPORTUNIDADES E A ENGANOSA DEMOCRATIZAÇÃO DA PRÁTICA DO FUTEBOL NO BRASIL.....	18
2.1 - <i>As três concepções do racismo: entendendo e contextualizando as práticas racistas na sociedade.....</i>	19
2.2 - <i>Andrade e Roger Machado: a luta política antirracista e o futebol brasileiro, será que avançamos?.....</i>	22
2.2.1 - <i>Andrade: O ídolo campeão em 2009 e a falta de oportunidades e reconhecimento.....</i>	22
2.2.2 - <i>Roger Machado: Protagonista contemporâneo da luta antirracista no futebol brasileiro contemporâneo.....</i>	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	32

INTRODUÇÃO

O Brasil é reconhecido mundialmente como o país do futebol. Esse reconhecimento tem como base os cinco títulos garantidos pela seleção brasileira de futebol nos campeonatos mundiais da categoria, a “Copa do Mundo”, assim como a forma com que esses troféus foram alcançados. Pelé, Garrincha, os “Ronaldinhos”, a seleção de 70, entre tantos outros, todos continuam como lendas do esporte, símbolos do estilo brasileiro de se jogar futebol, um futebol tido como arte. Nascido nas várzeas e jogado em todas as ruas do país, o esporte transformou o Brasil no “país do futebol”. Tais conquistas serviram ao longo da história moderna do Brasil para criar na população brasileira um sentimento de orgulho com relação ao futebol, que recebia reconhecimento internacional, prova do potencial brasileiro para se atingir a excelência. Isso somado à condição do futebol como esporte mais popular do planeta, colocam o Brasil como um dos protagonistas em um esporte que movimenta enormes quantidades de pessoas e de dinheiro ao redor do mundo.

Sendo um esporte extremamente relevante no cenário mundial, gerando enormes receitas por todo mundo com seus grandes eventos e habitando no imaginário patriótico da população brasileira, bem como na imagem do Brasil no exterior, como esse esporte interage com as questões sociais que o cercam? Como futebol e política se misturam na sociedade brasileira? Que problemas sociais são refletidos da sociedade para os campos e quais problemas os campos evidenciam para a sociedade?

Desde a formação de seus primeiros clubes, futebol e política se misturam no Brasil. Sua utilização na propaganda político-ideológica entre as décadas 60 e 80 no contexto da ditadura é outra evidência dos caminhos cruzados entre a política e o esporte, até a disputa das mais recentes eleições presidenciais em 2018, onde torcidas organizadas de certos clubes tomaram forte posicionamento político, bem como dirigentes de clubes utilizaram-se de suas estruturas para também se posicionarem sobre o cenário eleitoral.

O futebol ainda se apresenta no Brasil como importante formador de figuras políticas de diversos níveis de relevância no cenário nacional, desde de dirigentes e jogadores de clubes que assumem cargos dentro dos três poderes políticos do sistema brasileiro como senadores, deputados, prefeitos, vereadores e autoridades jurídicas, até figuras de difusão da cultura brasileira ao redor do mundo, como Pelé e Neymar que participam das mais variadas campanhas publicitárias pelo mundo e Ronaldo Fenômeno que chegou a trabalhar juntamente com a Organização das Nações Unidas em campanhas

contra a pobreza em diversos países durante os anos 2000. Também dentro do cenário midiático e jornalístico do Brasil onde jornalistas profissionais e antigos jogadores e dirigentes tornam-se importantes interlocutores dos veículos de mídia com a população e ainda atuam como formadores de opinião.

Entretanto, com a absorção da prática esportiva do futebol no Brasil, esta acabou por também absorver características da sociedade brasileira em sua prática e principalmente sua organização como veremos a seguir. O racismo marca a sociedade brasileira das diversas formas, e a luta contra ele se faz presente na história do futebol no país, onde os negros eram vetados inclusive de sua prática na chegada do esporte ao país, e agora lutam por sua inserção nos postos de comando do futebol. Porque o negro pode ser o principal jogador de seu time, mas após sua aposentadoria encontra extrema dificuldade de se inserir na carreira de treinador sendo que essa é uma das carreiras preferidas por ex-jogadores após “pendurarem as chuteiras”?

Sendo assim, a presente pesquisa se propõe a analisar a relação entre a política e o futebol e sua importância nos debates políticos ocorrentes dentro da sociedade brasileira. Tal análise será feita através do estudo de casos dos treinadores negros no futebol brasileiro contemporâneo, para que assim possamos enxergar as questões políticas que se apresentam na sociedade e refletem no campo de jogo, bem como a evolução do debate sobre o racismo dentro do meio do futebol brasileiro e quais suas raízes na história e na formação da modalidade no Brasil, bem como apresentar onde se situa tal debate no meio do futebol brasileiro contemporâneo.

Em primeiro momento discuto, a partir de uma releitura histórica das origens e da evolução da prática esportiva do futebol no Brasil embasada nas leituras de Mário Filho (2004) e Wisnick (2008). Estes nos apresentam as condições em que o futebol surgiu no país com relação aos seus aspectos políticos e sociológicos entre o fim do século XIX e o começo do século XX, bem como nos apresentam o desenvolvimento da modalidade. Iniciando-se como prática de desenvolvimento físico pelas elites em primeiro momento, o futebol ainda era tido como uma prática esportiva exclusivamente amadora, o que acabava por afastar as classes mais pobres da população, assim como a intrínseca relação com o racismo que a prática amadora do esporte possuía.

Mário Filho (2004) e Wisnick (2008), em seguida, apresentam o período de transição entre o amadorismo e o profissionalismo no esporte entre as décadas de 20 e 30 do século XX, marcado pela entrada da camada mais pobre da população e principalmente da população negra no esporte, e como essa transição foi marcada por debates políticos

em torno de quem poderia praticar o esporte e da razão pela qual ele era praticado, a popularização do esporte e sua consagração como principal esporte nacional e sua integração à cultura brasileira.

Na segunda parte da pesquisa, com a ajuda de Almeida (2019), conceituaremos as concepções de racismo individual, institucional e estrutural para que possamos entender a importância das contextualizações histórica e dos processos políticos no contexto atual da luta antirracista travada no futebol contemporâneo no Brasil e como estas se relacionam com a inserção dos treinadores negros nos clubes da elite do futebol nacional.

Por fim, será realizado o estudo dos casos dos treinadores Andrade, ídolo flamenguista da década de 80 e que levou o Flamengo ao título do Campeonato Brasileiro de 2009, e que mesmo com tanto reconhecimento por parte da torcida e dos resultados não conseguiu prosseguir na carreira de treinador; e de Roger Machado, atualmente sem clube, mas com trabalhos como treinador em clubes como Palmeiras, Grêmio e o mais recente pelo Esporte Clube Bahia, sendo ele também um ex-jogador consagrado com passagens por times do primeiro escalão do futebol nacional como Grêmio e Palmeiras, e seus recentes posicionamentos sobre o estado dos debates acerca do racismo no futebol brasileiro em relação às práticas de contratação de treinadores pelos clubes nacionais.

Tais casos foram escolhidos pela repercussão que o trabalho de tais treinadores gerou na elite do futebol nacional, mais precisamente em times da Série A do Campeonato Brasileiro. Tal escolha também foi determinada por estes apresentarem os debates recorrentes em torno do racismo que aparecem na história do esporte no país, e como tal debate tem evoluído na sociedade brasileira, uma vez que nos primórdios da prática do futebol no Brasil este se apresentava como um debate sobre quem poderia e deveria praticar o esporte e onde agora o centro do debate está em quem poderia e deveria ocupar posições com poder de decisão dentro do esporte.

Sendo assim, os casos de ambos treinadores apresentam-se como ponto importante de estudo do tema que nos ajudarão a enxergar a evolução do debate político acerca do racismo na sociedade brasileira, bem como nos apresentar sua evolução no contexto brasileiro, como a sociedade e seus debates políticos se refletem na prática do esporte e como o esporte também é tópico importante nas conversas cotidianas que geram o debate político, demonstrando assim como futebol e política podem estar conectados em uma prática esportiva que acabou por se tornar um dos principais aspectos da cultura brasileira.

CAPÍTULO 1 – As origens do futebol brasileiro: racismo, elitismo e a luta de negros e trabalhadores

No primeiro capítulo dessa pesquisa, apresentaremos as origens da prática do futebol no Brasil desde sua introdução com os ingleses, até o momento de consolidação da glória e da lendária habilidade brasileira de se jogar futebol, e como essa passou a existir no imaginário não só dos brasileiros, como também na sua representação no exterior. Passaremos ainda pelos momentos de disputa política entre as elites econômicas do país contra a popularização do esporte e em seguida a luta dos negros para que pudessem ser integrados à prática do esporte no Brasil. Por fim veremos a integração das políticas de estado dentro do futebol com o processo de profissionalização do esporte e suas consequências nas lutas contra o racismo e o elitismo que eram até então as marcas desse esporte no Brasil.

Para isso contaremos com a ajuda em especial das descrições de Mário Filho (2003), que nos trazem uma perspectiva de quem testemunhou vários dos principais acontecimentos da formação e da estruturação desse esporte no país, bem como de Wisnick (2008), trazendo uma perspectiva mais contemporânea dos acontecimentos ocorridos no começo do século passado.

1.1 – A formação do futebol no Brasil

O futebol é no Brasil contemporâneo uma das principais fontes de orgulho dos cidadãos brasileiros em relação ao seu país. Ancorado por uma história de conquistas no esporte mais popular do mundo, possuidor de um currículo de dar inveja às nações consideradas potências econômicas e esportivas ao redor do mundo como EUA, Alemanha, França e Inglaterra. O esporte está presente nas mais diversas camadas sociais, mesmo que esses tenham diferentes vivências dessa prática.

No entanto, apesar da sua popularidade no Brasil do século XXI, o esporte não possui origem tão popular no famigerado “país do futebol”. Mário Filho (2003), Wisnick (2008), Caldas (1994) e DaMatta (1994), nos mostram em suas obras as origens elitistas do esporte nacional.

Caldas (1994), nos apresenta a famosa história da introdução do futebol em território brasileiro, trazido em 1894 por Charles W. Miller. Brasileiro, filho de pais ingleses, que ao retornar para São Paulo de um período de estudos em Londres trouxe em sua bagagem uma bola e o conhecimento das regras desse novo jogo inventado do outro lado do

Atlântico, e sendo ele um entusiasta do esporte, tratou de apresentá-lo primeiramente aos ingleses que faziam parte dos altos escalões de empresas inglesas que possuíam empreendimentos no Brasil. O autor nos revela ainda, como o futebol se disseminou em primeiro momento como uma atividade física praticada nas aulas de educação física dos colégios nos quais os filhos desses imigrantes ingleses estudavam, tal prática era vista como uma forma de aprimorar a capacidade física e os atributos sociais dos estudantes, como liderança e trabalho em equipe.

Tal origem, no seio da elite dos imigrantes ingleses no Brasil, fez com que o esporte no início fosse de difícil acesso a maioria da população brasileira, Mario Filho (2004) explicita um pouco desse panorama ao nos apresentar a barreira linguística que existia entre a população e o futebol onde todas as palavras usadas no esporte vinham da língua inglesa, como as posições dos jogadores em campo, onde o goleiro era *goalkeeper*, os zagueiros eram os *backs*, os atacantes eram os *forwards*, o juiz era o *referee*, e o bandeirinha era conhecido como *linesman*, a própria comunicação entre os jogadores em campo tinha de ser feita em inglês, para que a maioria dos jogadores pudessem se entender.

O contexto dos primeiros passos da prática do futebol no Brasil acabava impondo por parte da elite econômica o afastamento das camadas mais pobres da população devido a barreira linguística e principalmente a falta de acesso aos círculos sociais e os colégios onde o esporte era praticado.

Porém, o futebol se disseminou rapidamente entre a elite inglesa e sua juventude através dos colégios. Caldas (1994) nos mostra como o futebol ao encantar a elite inglesa presente no Brasil, escapou-se de seu controle ao nos apresentar a seguinte passagem sobre a criação do time conhecido a época como “*The Bangu*”, que dentro de alguns anos viria a se tornar um tradicional time do estado do Rio de Janeiro com o nome de “Bangu”:

Localizada na periferia distante, num bairro proletário, a Cia. Progresso iria estimular o futebol entre seus executivos como forma de lazer. Mas, como formar dois times para competirem, se o número de funcionários mais graduados e interessados nesse esporte não chegava a tanto? A alternativa seria aceitar operários para completar as duas esquadras (Caldas, 1994, p. 42-43).

A integração dos operários das fábricas inglesas ao esporte foi o começo da popularização do esporte no país, que encontrou, como DaMatta (1994) argumenta, uma sociedade que não estava acostumada ainda aos valores democráticos. Recém saída do período escravocrata e com uma jovem república, teve assim de se adaptar aos conceitos

democráticos desse estranho jogo inventado pelos ingleses, apropriando-se do esporte para torná-lo uma paixão que movimentava as massas e um acontecimento festejado pela população em geral:

Foi preciso que essa sociedade vincada em valores tradicionais aprendesse a separar as regras dos homens e da própria partida para que o futebol pudesse ser abertamente apreciado entre nós. Desse modo, foi certamente essa humilde atividade, esse jogo inventado para divertir e disciplinar que, no Brasil, transformou-se no primeiro professor de democracia e igualdade (DaMatta, 1994, p.12).

Sendo assim, podemos enxergar nesse primeiro momento da pesquisa, a origem da prática esportiva do futebol no Brasil e como este se relaciona com a prática política desde sua chegada ao país: Do início elitista até seus primeiros contatos com as camadas menos privilegiadas da sociedade e os primeiros impactos sociais e políticos dessa popularização do esporte. No entanto, esse primeiro contato ainda não fora o suficiente para que qualquer cidadão pudesse se tornar um jogador de futebol, ou mesmo que pudessem apreciar o jogo. Muitas lutas ainda estariam por vir na democratização do esporte no país.

E é a partir daqui que poderemos começar a enxergar as origens da luta contra o racismo no futebol brasileiro bem como, as consequências de tais lutas e seus reflexos dentro da sociedade brasileira.

1.2 – Futebol das elites x futebol do povo: racismo e elitismo, reflexos da sociedade nos campos de futebol

Na segunda parte desse primeiro capítulo continuaremos a analisar as origens da prática do futebol no Brasil, focando nas relações raciais presentes nos primórdios do esporte no país. A relação entre as elites e as classes desprivilegiadas da população, como se deu a luta para a profissionalização do esporte e a relação dessa profissionalização com as lutas políticas por democracia e igualdade tais como levantadas por DaMatta (1994) anteriormente, essas relações estudadas aqui servirão como base e comparação para a análise do contexto contemporâneo do futebol brasileiro feita no segundo capítulo dessa pesquisa.

Para isso, precisamos entender que apesar da aparente popularização da prática do futebol no país devido a inicial entrada de operários brasileiros nos times das corporações inglesas, o esporte ainda não era praticado por grande parte da população, uma vez que

este ainda estava restrito aos colégios e fábricas onde esses imigrantes ingleses estavam presentes. Como demonstra Mário Filho, em seu livro, *O negro e o futebol brasileiro*:

O Bangu podia botar um preto no time embora fosse um clube de ingleses. Tão de ingleses que tinha o *The*, era o *The Bangu Athletic Association*. A companhia Progresso Industrial do Brasil, uma fábrica de tecidos, brasileira, de capitais portugueses, mandara buscar mestres na Inglaterra. Os mestres ingleses fundaram o *The Bangu Athletic Club* (2003, p. 29).

A criação do Bangu, e seu pioneirismo na inclusão de operários e negros no seu time de futebol, evidencia as estruturas elitistas e racistas presentes no contexto social em que se formou o futebol no Brasil, tal contexto seria bastante combatido nos anos e décadas seguintes à introdução dos primeiros jogadores das classes populares nos times do então conhecido *The Bangu*.

A popularização do futebol causava reações nas elites brasileiras praticantes do esporte, que desejavam que sua prática permanecesse como um pressuposto dos mais abastados. Franzini nos ajuda a aprofundar o entendimento do elitismo presente nas camadas privilegiadas da população brasileira e como essas queriam afastar os mais pobres da prática do esporte bretão:

Não é difícil imaginar que essa expansão desordenada do futebol para além das fronteiras geográficas e sociais que separavam a elite do povo nas duas principais cidades brasileiras devia incomodar bastante aqueles que se julgavam os donos da bola. Afinal, subúrbios, várzeas e até mesmo fábricas, onde se tornava cada vez mais comum a organização de equipes entre os operários, não eram espaços dotados da elegância e do refinamento que o esporte bretão supostamente exigia, ao menos a seus olhos. Numa sociedade ainda muito marcada pelo senso de hierarquia e pelo ranço escravocrata, a entrada em campo de pobres, negros e trabalhadores braçais significava a vulgarização, em seu sentido pejorativo, dos nobres ideais que o esporte trazia em si e que deveriam ser preservados. A reação a tal indesejada aproximação de camadas sociais historicamente separadas pelo profundo fosso da desigualdade não tardou, como seria de esperar (Franzini, 2009, p. 121-122).

O futebol, no entanto, começava a se integrar às camadas populares do Brasil e deixava de ser um esporte praticado exclusivamente pela elite nacional que podia levar os filhos para estudar na Europa, operários e especialmente a população negra do país se apropriavam cada dia mais do esporte. Com isso a elite brasileira do início do século XX tentava de diversas formas impedir sua popularização no país, especialmente com leis que dificultavam a regulamentação de clubes e campeonatos que integrassem jogadores negros em seus times como nos apresenta Koch (2012, p. 157-158), tornando o racismo

uma prática corriqueira do futebol brasileiro no seu período inicial, marcado pelo amadorismo elitista das primeiras décadas do século XX.

Porém, tais reações da elite brasileira não se apresentavam suficientes para conter a popularização do esporte que via surgir um grande número de clubes amadores destinados a prática desse novo e cada vez mais popular esporte, e nesse contexto começa a surgir a luta pela profissionalização do futebol no Brasil, tal movimento irá se mostrar essencial na transformação da estrutura política do esporte no país e também na luta contra o racismo existente não só no meio desse esporte como na sociedade brasileira.

Entre as décadas de 20 e 30 começam a ocorrer mudanças na forma de se organizar os clubes, os times e a prática do futebol em geral no Brasil. Oliveira (2012, p. 173) nos ajuda a entender como o amadorismo começou a ser substituído no futebol brasileiro ao nos mostrar como o futebol era praticado de formas distintas entre as classes sociais, onde os ricos jogavam com equipamentos e campos de qualidade, os negros e a população mais pobre eram obrigados a improvisar seus próprios equipamentos e campos, e assim começam a formar seus próprios clubes. Mas apesar da falta de recursos dos clubes menores, os clubes da elite encontram jogadores talentosos nesses times de menor expressão e tentavam trazê-los para jogar em seus clubes, procurando maneiras criativas de atraí-los, uma vez que os círculos sociais mais abastados não viam com bons olhos o processo de profissionalização do esporte.

Wisnick (2008) nos apresenta um panorama bastante interessante dos períodos de transição que ocorreram durante essas quase três décadas em que o futebol no Brasil passa de seu amadorismo elitista, até a profissionalização do esporte durante a década de 30, utilizando-se do caso do goleiro Marcos de Mendonça, jogador negro que fez parte dos times de futebol do Fluminense e do América do Rio de Janeiro:

O goleiro Marcos de Mendonça é a figura “emblemática” do período áureo do amadorismo elitista, que se estendeu, segundo ele mesmo, de 1910 a 1919, seguido de uma fase de “amadorismo marrom” que vai de 1920 a 1933, quando se instaura, então, oficialmente, o profissionalismo no Brasil (Wisnick, 2008, p. 212).

A profissionalização, no entanto, não veio sem luta. Em especial, a luta contra o racismo fez-se presente em todo esse processo de transformação do esporte de amador para profissional. Mário Filho (2003) nos ajuda a entender o contexto em que se deu tal processo, dizendo que os clubes das elites brancas gostavam de jogar contra os times formados pelos negros e pardos, com a intenção de demonstrar sua supremacia econômica e também sua superioridade com relação a raça.

Nesse contexto, na década de 20, o Clube de Regatas Vasco da Gama, do Rio de Janeiro, foi o primeiro clube de elite a aceitar em seu plantel de jogadores pessoas negras e pardas, como apontado por Oliveira (2012). Mas tal atitude do clube acabou por gerar consequências na organização do futebol carioca durante esse período. Franco Júnior (2007) e Soares (2001) nos mostram que em 1923 o Vasco formou um time com negros, pardos e brancos pobres. Conquistou assim o campeonato carioca daquele ano, causando uma comoção entre os outros clubes que temendo a total profissionalização e democratização do esporte, banem o Vasco da Gama do campeonato estadual do ano seguinte, somente para ter como consequência a evasão dos torcedores dos estádios, que preferiam ir assistir aos jogos da liga extra oficial e assim acompanhar a esquadra vascaína. O futebol branco e da elite econômica começava a se desmontar. Mário Filho (2003) mostra ainda que mesmo diante do sucesso do time do Vasco da Gama, as elites ainda mostravam relutância em abrir as portas à diversidade nos times de futebol ao permitir a reintegração do Vasco ao campeonato carioca desde que os jogadores negros e pardos do time de São Januário se embranquecessem, obrigando os jogadores a esconder o cabelo e passarem pó de arroz para esconderem o tom negro da pele.

Entretanto a década de 30 apresentou um acelerado processo de aceitação dos negros e pardos nos times de futebol, uma vez que os clubes começavam a se preocupar em ganhar campeonatos e obter sócios e estádios lotados. Mário Filho (2003), novamente exemplifica o contexto das disputas extra campo entre os clubes da capital fluminense e o reflexo que a popularização do esporte trazia para dentro do campo:

O orçamento do Vasco subiu a setecentos contos, o do América a quatrocentos e cinquenta. Para a época, um escândalo. Um clube distribuindo setecentos, o outro quatrocentos e cinquenta contos com os jogadores.

Quanto mais o clube gastasse, melhor para ele. Os clubes que não gastavam, os clubes amadores, às moscas. Os sócios desertando, os torcedores não aparecendo nos campos. O Botafogo viu-se reduzido a trezentos sócios, dos três mil e quinhentos que tinha (2003, p. 205).

1.3 – A profissionalização do futebol: A política institucional entra em campo

Segundo Koch (2012), o processo de profissionalização do esporte durante a década de 30 tinha respaldo e influência da entrada do Brasil na chamada “era Vargas”, quando da chegada de Getúlio Vargas à presidência do país, onde após a realização da primeira Copa do Mundo de futebol no Uruguai no ano de 1930 e a má atuação da equipe brasileira na competição culminaram na criação da Federação Brasileira de Futebol (FBF) por

Vargas, que começaria assim a introduzir na organização do esporte no Brasil as marcas do profissionalismo. Com isso, Vargas com suas ideias e políticas trabalhistas finalmente incorpora o futebol ao mundo do trabalho profissionalizando definitivamente a partir do ano de 1933.

Silva & Santos (2006) explicitam que com tal intervenção do governo na organização e na prática do esporte, Getúlio Vargas mostra-se um dos pioneiros no Brasil na percepção do futebol como uma poderosa ferramenta política, capaz de dialogar com a população em geral e que se mostrava como uma arena onde ele poderia criar elementos de identidade nacional. Essa atuação do governo de Vargas na estruturação e prática do esporte acaba por ficar marcada como o primeiro contato do esporte futebol com a política de Estado, expressando assim definitivamente o gradual entrelaçamento no Brasil entre o esporte, a política e a cultura nacional.

No entanto, a intervenção do poder público na esfera esportiva continuava a desagradar as elites que desejavam ainda a manutenção do futebol como um esporte amador e de elite. Tal debate de profissionalização contra amadorismo geraram conflitos entre a FBF e a CBD (Confederação Brasileira de Desportos) que defendia os interesses da maioria dos clubes que existiam até aquele momento e que eram favoráveis a manutenção do modelo amador da prática esportiva que favorecia as elites brancas do país. Esses desalinhos entre as diferentes instituições que tentavam comandar o futebol brasileiro acabaram por gerar mais uma participação ruim da seleção brasileira na Copa de 1934, resultando assim numa intervenção ainda mais profunda do Estado na estruturação do futebol brasileiro, por meio da criação do CNE (Conselho Nacional de Esportes). Com a intenção de aprofundar o processo de profissionalização do esporte no país (KOCH, 2012).

Wisnick (2008) nos apresenta como as participações pífias nas duas primeiras edições da Copa do Mundo em 1930 e 1934, demonstram na prática as dificuldades e problemas presentes na organização do futebol no Brasil dos anos 30, onde a seleção era formada por disputas regionais entre clubes de São Paulo e do Rio de Janeiro, evidenciando o amadorismo que marcava o período no futebol, dentre outras dificuldades devidas a falta de profissionalização do esporte e ao evidente racismo praticado por aqueles que eram responsáveis por montar essas seleções.

As seleções de 30 e 34 ainda explicitavam, como prossegue Wisnick (2008), o racismo presente não só na organização do futebol brasileiro, mas também como reflexo da sociedade brasileira ainda não muito distante do ranço escravocrata. Tais seleções

quase não apresentavam negros em seus times, pelo menos não de acordo com sua representatividade dentro da população brasileira.

Concomitante a criação dessas diversas instituições que atuariam na regulamentação, profissionalização e organização do futebol no Brasil, Vargas também começou a disseminar o esporte para as regiões mais distantes do Brasil com a ajuda do rádio aos quais eram garantidos incentivos para a transmissão do maior número possível de jogos, especialmente dos times cariocas para as regiões norte e nordeste do país (KOCH, 2012).

Os fiascos nas primeiras edições da Copa do Mundo, em conjunto com o amadorismo presente na organização do futebol brasileiro, formaram o cenário perfeito para que Vargas aprofundasse os processos de profissionalização do esporte e como nos mostra Drummond (2009), a partir do golpe do Estado Novo em 1937, ele pudesse vir a consolidar seu novo regime utilizando-se do futebol no ano seguinte durante a Copa do Mundo de 1938, onde com um futebol profissional mais organizado e com todos os melhores jogadores do país o Brasil alcança a terceira colocação na disputa e começa a criar os laços entre o esporte e a identidade nacional. Conforme aponta Wisnick (2008):

Ao contrário dessas demonstrações inconsequentes e vexaminosas, a de 1938 foi uma seleção assumidamente miscigenada, e pela primeira vez representativa do que havia de melhor no futebol já profissionalizado do país, dando esperanças as multidões que acompanhavam sofregamente, havia pelo menos vinte anos, as disputas internacionais sul americanas. Reforçava essa atmosfera propícia ao envolvimento intenso o fato de que, pela primeira vez, as partidas de uma Copa do Mundo eram transmitidas ao vivo pelo rádio (2008, p.183-184).

Após a edição de 1938, a realização da Copa do Mundo foi interrompida durante a Segunda Guerra Mundial, retornando apenas no ano de 1950, no Brasil.

A ocorrência do principal torneio de futebol do mundo no país foi marcante de diversas formas. Primeiramente com a construção do Maracanã, sendo este o maior estádio do mundo à época, título esse que no contexto da Nova República em que vivia o país ajudava a demonstrar a grandiosidade e o poder do estado brasileiro (HELAL, 2010). Em segundo lugar, ficou marcada a derrota da seleção brasileira para a Seleção do Uruguai, na final, em pleno Maracanã lotado. Essa derrota, no entanto, como nos mostra Koch (2012), apresenta-se como um marco do poder que possuía o futebol de reunir a população brasileira em torno de um evento, e também a identificação que essa tinha com seu time, constituído de brancos, negros e pardos. O futebol parecia a melhor representação do que poderia ser a democracia no país.

Na Copa do Mundo, a seleção brasileira tratou de vencer três das seguintes quatro edições do torneio (1958, 1962 e 1970), consolidando assim o futebol brasileiro como referência para o mundo.

A luta dos negros brasileiros para adentrar a prática do futebol havia rendido frutos incríveis, a democratização do acesso a essa prática esportiva com sua popularização e a conquista da profissionalização dos jogadores de futebol. O racismo e o elitismo que pareciam intrínsecos a prática do futebol, se desfaziam dentro das quatro linhas do campo e o futebol brasileiro parecia até a encarnação das famosas teses de Gilberto Freyre em seu famoso livro *Casa-grande & senzala* em defesa de que o Brasil vivia uma democracia racial.

No entanto, como veremos no próximo capítulo, os ideais freyrianos de democracia racial se apresentam extremamente distantes da realidade brasileira tanto na sociedade como um todo e em especial no futebol, onde os negros ainda hoje possuem grande dificuldade de ingressar em postos de poder dentro da estrutura institucional do futebol brasileiro, a começar pela posição de técnico de futebol, posto esse ainda bastante integrado ao que acontece dentro das quatro linhas e que ainda assim mostra-se de acesso extremamente difícil para as pessoas negras.

Capítulo 2 – O futebol no Brasil contemporâneo: Racismo, a falta de oportunidades e a enganosa democratização da prática do futebol no Brasil

Neste segundo capítulo da pesquisa discutiremos em primeiro lugar como se dá o racismo na sociedade, apresentando suas principais características e como essas se manifestam na prática institucional do futebol no Brasil. Para isso iremos criticar as visões apresentadas na primeira parte da pesquisa de que a profissionalização do esporte e a inserção da população negra em tal prática esportiva representam em si a superação de um modelo com bases raciais da prática e organização do esporte no país.

E por fim realizaremos o estudo dos casos de Andrade e Roger Machado, afim de demonstrar como é enganosa a ideia de que o futebol é uma prática democratizada e de acesso popularizado na sociedade brasileira.

É importante aqui explicitar as razões pelas quais foram escolhidos esses dois treinadores. Roger Machado e Andrade apresentam carreiras distintas e que se mostram bastante diferentes uma da outra, motivo esse que levou a escolha desses dois treinadores. Andrade é último técnico negro a ser campeão da Série A do Campeonato Brasileiro, o

que torna sua carreira extremamente interessante para essa pesquisa. Já no caso de Roger Machado, sua longevidade na disputa da Série A do Campeonato Brasileiro, como um dos únicos treinadores negros constantemente treinando times da elite do futebol brasileiro, trazem um contraponto a carreira de Andrade, ao mesmo tempo em que explicita a militância antirracista presente na carreira desse treinador.

Almeida (2019), através de suas concepções de racismo individualista, estrutural e institucional nos ajudará a enxergar onde e como se apresenta a prática racista na sociedade e com isso poderemos estudar como estas ainda se apresentam nos casos estudados bem como na estruturação da prática e organização do futebol no Brasil.

2.1 – As três concepções do racismo: entendendo e contextualizando as práticas racistas na sociedade

Para que possamos avançar na discussão sobre a democratização no acesso a prática e estruturação do futebol brasileiro à nível institucional precisaremos primeiro entender como este se dá na sociedade brasileira em geral e como esta afeta o mundo do futebol no Brasil.

A partir da leitura de Almeida (2019) é possível delimitar três concepções complementares da prática do racismo na sociedade, de acordo com diferentes características.

Em primeiro lugar temos a concepção individualista onde a prática do racismo está conjugada a subjetividade de cada indivíduo envolvido nas ações cotidianas em ações diretas entre pessoas ou grupos isolados, tal concepção segundo o autor apesar de necessária em um sentido jurídico de delimitação do crime de racismo entre indivíduos apresenta-se por vezes frágil e limitada por tratar o racismo como um fenômeno psicológico individual deixando de lado seu aspecto político:

O racismo, segundo esta concepção, é concebido como uma espécie de “patologia” ou anormalidade. Seria um fenômeno ético ou psicológico de caráter individual ou coletivo, atribuído a grupos isolados; ou, ainda, seria o racismo uma “irracionalidade” a ser combatida no campo jurídico por meio da aplicação de sanções civis – indenizações, por exemplo – ou penais. Por isso, a concepção individualista pode não admitir a existência de “racismo”, mas somente de “preconceito”, a fim de ressaltar a natureza psicológica do fenômeno em detrimento de sua natureza política. (Almeida, 2019, p. 25)

Sendo assim, tal concepção apresenta-se como parte necessária ao entendimento das situações apresentadas no primeiro capítulo dessa pesquisa, tendo em vista a recusa dos primeiros clubes em admitir jogadores negros em seus times nos primórdios dessa prática esportiva no Brasil como aponta Wisnick (2008), bem como a imposição inclusive de maquiagem para embranquecimento da pele dos jogadores negros e pardos colocada pelos clubes como nos apresentou Mário Filho (2003).

Em seguida Almeida (2019) constrói os argumentos que explicitam a concepção institucional da prática do racismo, onde com a ajuda de Hirsch (2007) podemos entender que as instituições são as formas de orientação e coordenação dos comportamentos que orientam a ação social, sustentam e tornam possível uma relativa estabilidade dos sistemas sociais.

Com esse entendimento sobre as instituições Almeida (2019) continua a construir seu argumento da concepção institucional onde as instituições são o somatório das normas e padrões que condicionam o comportamento dos indivíduos, resultantes dos conflitos presentes na sociedade nas lutas pelo monopólio do poder social. Sendo assim as instituições são constantemente atravessadas pelos conflitos sociais entre grupos e indivíduos que desejam o controle das instituições. O autor com isso demonstra que o poder é elemento central na concepção do racismo institucional, uma vez que racismo é dominação, através do estabelecimento de regras e padrões comportamentais que privilegiam grupos específicos da sociedade, que exercem o domínio sobre as organizações políticas e econômicas, fazendo com que a cultura, os padrões estéticos e as práticas de poder sejam baseadas em parâmetros discriminatórios baseados na raça:

Assim, a principal tese dos que afirmam a existência de racismo institucional é que os conflitos raciais também são parte das instituições. Assim, a desigualdade racial é uma característica da sociedade não apenas por causa da ação isolada de grupos ou indivíduos racistas, mas fundamentalmente porque as instituições são hegemônicas por determinados grupos raciais que utilizam mecanismos institucionais para impor seus interesses políticos e econômicos. (Almeida, 2019, p. 27)

Por fim, Almeida (2019) apresenta sua concepção estrutural da prática do racismo, sendo essa a concepção que amarra as outras duas no sentido de demonstrar a complexidade da prática do racismo na sociedade e como todas as três concepções apresentam-se interligadas. Ao demonstrar através do conceito de racismo institucional, que tal prática transcende as ações individuais e que o poder é elemento central nas relações sociais dentro da sociedade o autor demonstra a existência da prática estrutural do racismo:

Vimos que as instituições reproduzem as condições para o estabelecimento e a manutenção da ordem social. Desse modo, se é possível falar de um racismo institucional, significa que a imposição de regras e padrões racistas por parte da instituição é de alguma maneira vinculada à ordem social que ela visa resguardar. Assim como a instituição tem sua atuação condicionada a uma estrutura social previamente existente – com todos os conflitos que lhe são inerentes –, o racismo que essa instituição venha a expressar é também parte dessa mesma estrutura. As instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos. Dito de modo mais direto: as instituições são racistas porque a sociedade é racista. (Almeida, 2019, p. 31)

Com isso, Almeida (2019) nos apresenta que a integração das práticas individuais do racismo, em conjunto com sua dimensão institucional, evidencia a existência do racismo como elemento estrutural da sociedade que deve ser levado em conta nas análises e estudos da sociedade em que vivemos.

No entanto, para que possamos compreender claramente o conceito do racismo estrutural não podemos deixar de analisá-lo a partir de seus processos históricos e políticos. Para isso, Almeida (2019) primeiramente nos apresenta que o conceito de raça só pode ter seu significado construído através de uma perspectiva relacional e para isso nos aponta o exemplo da diferença na classificação que define aqueles que são pessoas consideradas negras nos EUA e no Brasil. No Brasil, o conceito da raça apresenta-se intrinsecamente ligado a condição e classe social a que o sujeito pertence, tendo como consequência o fato de que a transição em direção a padrões estéticos e de consumo característicos da classe média branca pode levar um indivíduo a ser considerado “branco”. Já nos EUA tal ligação entre a classe e a condição social não são presentes como demonstra o autor, ao apresentar a “*one drop rule*” termo que se traduz literalmente como “regra da uma gota” onde a raça do indivíduo é definida através da sua árvore genealógica e que condiciona que toda pessoa que tenha um ancestral negro seja vista como pessoa negra independentemente de sua condição ou classe social.

A contextualização dos processos políticos e históricos que formam os elementos constituintes das práticas racistas nas suas formas individuais, institucionais e estruturais torna-se imprescindível para o entendimento das dinâmicas raciais presentes em qualquer sociedade que tenhamos a intenção de analisar e estudar segundo Almeida (2019).

Tal argumentação acaba por demonstrar a importância da contextualização dos processos históricos e políticos da chegada, e estruturação da prática do futebol no Brasil, presente no primeiro capítulo dessa pesquisa, uma vez que apenas dessa forma poderemos

entender os processos que ocorrem no presente e sobre como se dá a inserção dos treinadores negros na elite do futebol brasileiro que será estudada em seguida.

2.2 – Andrade e Roger Machado: a luta política antirracista e o futebol brasileiro, será que avançamos?

Após contextualizarmos política e historicamente a chegada e a estruturação da prática institucional e esportiva do futebol no Brasil com as ajudas de Mário Filho (2003) e Wisnick (2008), e depois de entendermos as diferentes manifestações do racismo com Almeida (2019), agora poderemos passar a parte do estudo dos casos de dois treinadores negros brasileiros com trabalhos importantes em times da Série A do campeonato brasileiro de futebol, considerada a elite do esporte no país.

É aqui que poderemos nos debruçar sobre a relação existente entre o futebol e a política no Brasil contemporâneo e enxergar a relação entre a luta política antirracista e as práticas estruturais estabelecidas no meio institucional do futebol brasileiro.

2.2.1 – Andrade: O ídolo campeão em 2009 e a falta de oportunidades e reconhecimento

Para que possamos realizar a análise do caso de Andrade, primeiramente é preciso saber quem é o técnico e ex-jogador para que possamos ter uma compreensão dos processos histórico e político que levaram a efetivação de Andrade como técnico do Flamengo no título brasileiro de 2009, bem como analisar as consequências desse feito, pois como mostrou Almeida (2019), somente assim poderemos entender os processos políticos e práticas racistas presentes no caso do treinador.

Muniz (2011) e Lima (2019) nos apresentam então seu perfil e história. Jorge Luís Andrade da Silva é um ex-jogador de futebol cinco vezes campeão do Campeonato Brasileiro de futebol, sendo 4 delas pelo Flamengo, clube no qual é um dos maiores ídolos e uma pelo rival Vasco da Gama, sagrando-se assim o jogador que mais vezes conquistou o título do principal torneio nacional. Também foi campeão da mesma competição em mais uma ocasião, dessa vez como treinador, conquistando novamente o título pelo Flamengo em 2009, sendo este ainda o último título da Série A do Campeonato Brasileiro a ser conquistado por um treinador que se declara como negro. Muniz (2011) e Lima (2019) mostram que Andrade, natural da cidade de Juiz de Fora no interior do estado de

Minas Gerais, começou no futebol jogando pelo time do bairro onde morava, até que foi chamado para realizar testes no time da cidade, o Tupi, ficou no time de Juiz de Fora durante apenas três meses, quando aos 17 anos foi chamado para fazer parte das categorias de base do Flamengo.

A oportunidade de se tornar jogador de futebol era especial para o ainda garoto Andrade que vivia com sua família dificuldades financeiras, tendo, segundo o técnico e ex-jogador em reportagem de Lima (2019), sido despejados diversas vezes de sua casa por não pagarem o aluguel. Após isso Andrade construiu grande carreira como jogador no Flamengo, e encerrou sua carreira nos gramados sendo colocado num grupo seleto de ídolos não só do Flamengo, mas do Brasil.

Com essa contextualização histórica através da carreira dentro dos gramados do “jogador” Andrade, podemos então começar a análise da carreira do “treinador” Andrade nos atentando sempre para os aspectos pontuados por Almeida (2019) não só da cor da pele, mas também da condição social a qual o indivíduo está colocado na sociedade.

A trajetória de Andrade fora das quatro linhas não começou diretamente com o cargo de treinador, Muniz (2011) e Lima (2019) mostram que Andrade começou participando da comissão técnica do Flamengo, exercendo principalmente a função de assistente técnico, durante sete anos. Nesse período ele acompanhou o trabalho de 11 técnicos diferentes que passaram pelo Flamengo sendo alçado à condição de treinador interino em sete oportunidades entre as demissões dos outros treinadores, sendo efetivado como treinador apenas na sétima oportunidade durante o Campeonato Brasileiro de 2009.

Tal oportunidade, no entanto, só apareceu devido a uma conjunção de fatores e acontecimentos que segundo Muniz (2011) mostram que Andrade não era a prioridade da diretoria flamenguista naquele momento:

Cuca retornou ao Flamengo em 2009, e foi quando ele saiu novamente que Andrade teve a oportunidade de comandar o time por um período mais longo. Foi a primeira vez que Andrade foi efetivado como treinador. Não sem antes, a diretoria do time tentar, de várias maneiras, encontrar outro nome para substituir Cuca. Mas com a má fase daquele ano, foi muito difícil encontrar quem aceitasse o desafio.

Para Andrade não era questão de aceitar desafios, mas de aproveitar a oportunidade. A diretoria entendeu que, desta vez, o “eterno interino”, como já havia sido chamado em reportagens, seria a melhor opção para o clube, inclusive economicamente, já que receberia apenas R\$ 50 mil para tentar tirar o Flamengo do rebaixamento. Nenhum treinador de renome e com condições de tirar o time das garras da segunda divisão se arriscaria por menos de R\$ 300 mil. (Muniz, 2011, p. 5-6)

Assim podemos enxergar que apesar da efetivação de Andrade como treinador em 2009, fica evidente a falta de prestígio do treinador diante da diretoria do Flamengo e posição precária a qual Andrade foi alçado, um time na briga contra o rebaixamento no campeonato e que trabalharia por um salário bem mais baixo do que o de treinadores de renome. Almeida (2019), mostra que condições assim não são simples coincidências quando se trata de alçar não-brancos a posições de tomada de decisão e poder, uma vez que elas demonstram os aspectos das suas concepções de racismo institucional e estrutural.

Tal fato evidencia o racismo institucional que Almeida (2019) apresenta, na grande relutância apresentada pela diretoria do Flamengo de efetivar Andrade no cargo, negando a efetivação de um ídolo do clube que já tinha adquirido boa experiência no cargo em seis oportunidades como treinador interino ao longo de sete anos e apenas alçando-o ao cargo após esgotarem-se suas outras opções. Sem esquecermos do fato de que o salário proposto a Andrade pela diretoria estava bem abaixo do de outros técnicos de clubes da elite do futebol brasileiro.

Sendo assim, o caso de Andrade, que possuía experiência prévia, conhecia o clube como poucos, por estar ligado a ele desde 1974 quando chegou as categorias de base e era ídolo da torcida, mostra-se peculiar, principalmente em comparação a casos como os de Rogério Ceni, no São Paulo, Salazar (2016) e de Dunga na Seleção Brasileira, Rodrigues (2020). Nesses casos, os ex-jogadores que são brancos foram efetivados como treinadores tanto de um grande clube brasileiro, como da Seleção Brasileira sem ter nenhuma experiência prévia como treinadores ou em nenhum outro cargo em comissões técnicas, tendo como único argumento de suas contratações o de que eram ídolos das respectivas equipes.

Em seguida, segundo Muniz (2011), Lima (2019), Andrade não só livrou a equipe do Flamengo do rebaixamento, como conseguiu de maneira muito improvável escalar a tabela de classificação até alcançar a liderança na penúltima rodada do campeonato após vitória diante do Corinthians em Campinas-SP, liderança essa que o Flamengo seguraria na última rodada para se sagrar Campeão Brasileiro de 2009. Lima (2019), ainda nos lembra que Andrade foi considerado então o melhor técnico daquele campeonato.

O título, no entanto, não garantiu a Andrade nenhuma tranquilidade no cargo no período seguinte, como nos apresentam Muniz (2011) e Lima (2019), no início de 2010 ocorreram eleições para Presidente do Flamengo, em que a vencedora foi Patrícia Amorim. Esse resultado nas eleições apresentaria dificuldades na negociação da

renovação de contrato de Andrade com o clube. Segundo Muniz (2011) o treinador campeão fez uma proposta salarial ao Flamengo na casa dos R\$ 200 mil mensais, pedida essa bem abaixo dos padrões salariais dos principais treinadores brasileiros no momento e que o clube considerou ainda assim muito alta e fez uma contraproposta na casa dos R\$ 110 mil, com a demora nas negociações contratuais Andrade começou a perder autonomia na construção do time.

Mesmo com todas as dificuldades extra campo e sem respaldo da nova Diretoria do clube Andrade liderou o time do Flamengo até a final do Campeonato Carioca de 2010, onde Andrade encontraria seu destino derradeiro. Segundo o próprio Andrade em reportagem de Lima (2019) a Diretoria flamenguista estava esperando apenas um resultado ruim do treinador para demiti-lo, e tal resultado veio na final do Carioca daquele ano em derrota para o Botafogo, com direito a pênalti perdido por Adriano, principal jogador do time campeão nacional no ano anterior. E assim, mesmo tendo livrado o time do rebaixamento e levando-o a um título considerado quase que impossível, e perdendo somente na final o segundo campeonato que disputou como treinador em circunstâncias onde é possível questionar se a responsabilidade pela perda do título carioca era realmente do treinador, Andrade foi demitido.

Aqui podemos ver novamente evidências dos conceitos de racismo institucional e estrutural apresentados por Almeida (2019):

Mas que fique a ressalva já feita: a estrutura social é constituída por inúmeros conflitos – de classe, raciais, sexuais etc. –, o que significa que as instituições também podem atuar de maneira conflituosa, posicionando-se dentro do conflito. Em uma sociedade em que o racismo está presente na vida cotidiana, as instituições que não tratarem de maneira ativa e como um problema a desigualdade racial irão facilmente reproduzir as práticas racistas já tidas como “normais” em toda a sociedade. É o que geralmente acontece nos governos, empresas e escolas em que não há espaços ou mecanismos institucionais para tratar de conflitos raciais e sexuais. Nesse caso, as relações do cotidiano no interior das instituições vão reproduzir as práticas sociais corriqueiras, dentre as quais o racismo, na forma de violência explícita ou de microagressões – piadas, silenciamento, isolamento etc. Enfim, sem nada fazer, toda instituição irá se tornar uma correia de transmissão de privilégios e violências racistas e sexistas. (2019, p. 32)

Ou seja, Andrade, apesar de ótimos resultados dirigindo o time do Flamengo foi demitido como aponta Lima (2019) apenas quatro meses após a conquista do título nacional no primeiro revés que sofreu, se é que perder uma final com seu principal jogador perdendo um pênalti pode ser considerado um resultado ruim na carreira de qualquer treinador, considerando ainda que a Diretoria do Flamengo já havia restringido

a autonomia do treinador na montagem do elenco e do time, o que torna ainda mais passível de uma análise rigorosa das motivações da Diretoria flamenguista na demissão do treinador.

O período após a demissão do treinador do Flamengo mostra-se também muito pertinente na análise do racismo estrutural e institucional presente não só no Flamengo, mas como na sociedade brasileira e nas instituições da elite do futebol nacional.

Um técnico com apenas um ano e meio de trabalho e com um título nacional e um vice estadual no currículo é passível de ser visto como um profissional emergente e de enorme potencial para futuras oportunidades no esporte, como é um bom exemplo o caso de Fábio Carille, auxiliar técnico branco que foi efetivado como treinador do Corinthians após 7 anos como auxiliar no clube e que conquistou um título nacional e dois estaduais com o Corinthians, na sua primeira passagem pelo clube entre 2017 e o primeiro semestre de 2018, e que se tornou um dos novos treinadores brasileiros mais cobiçados por outros grandes clubes à época como podemos ver na reportagem de Caparica, Cassucci e Braga (2018).

Os casos de Andrade e Carille se assemelham muito nas conquistas e nas condições que alçaram ambos ao cargo de treinador, mas diferenciam-se nas oportunidades que receberam após suas primeiras experiências no comando técnico de equipes da elite do futebol brasileiro, Carille acabou saindo do Corinthians, rumo ao futebol árabe seduzido por altos salários e até hoje é nome bastante cogitado sempre que uma grande equipe brasileira precisa de um novo técnico.

Já Andrade, segundo Muniz (2011) e Mendonça (2014), nunca mais foi contratado ou cogitado para assumir o comando de outra equipe da Série A do Campeonato Brasileiro, tendo apenas curtas passagens por Brasiliense em 2010, time que participava da Série B do Campeonato Brasileiro e que naquela altura lutava contra o rebaixamento. Após dois meses no cargo e sem conseguir livrar o clube da queda, Andrade foi demitido.

No ano seguinte pelo Paysandu, teve seu último trabalho com alguma relevância no âmbito nacional, onde disputou a Série C do Campeonato Brasileiro e após não conseguir o acesso à Série B com o clube, também foi dispensado. Após isso apenas trabalhos de escopo estadual com o Boavista em 2012 no Rio de Janeiro e com o São João da Barra, este pertencente a segunda divisão do Campeonato Carioca, em 2014.

Sendo assim, a trajetória de Andrade como técnico de futebol no Brasil acabou de forma melancólica e levantando questionamentos sobre a capacidade das principais instituições do futebol brasileiro de reconhecerem a capacidade profissional de

treinadores negros e também de fomentarem a participação, o acesso, e o ingresso de treinadores negros na elite do esporte no país.

O caso de Andrade assim, explicita os argumentos apresentados anteriormente por Almeida (2019) sobre a existência de um racismo estrutural e institucional na sociedade, nesse caso, especificamente, no âmbito da elite do futebol brasileiro, dada a falta de oportunidades para um treinador negro ainda promissor e já com conquistas de grande relevância no currículo e a falta de apoio principalmente, no contexto de Andrade, do Flamengo que mesmo após os ótimos resultados obtidos pelo treinador, sempre quis substituí-lo por treinadores mais renomados. Tal análise em conjunto com a comparação ao caso de Fábio Carille no Corinthians mostram a desigualdade de oportunidades e reconhecimento entre brancos e negros quando o assunto é o comando técnico das principais equipes de futebol do Brasil.

2.2.2 – Roger Machado: Protagonista contemporâneo da luta antirracista no futebol brasileiro contemporâneo

Hoje conhecido como Roger Machado, o treinador atualmente sem clube, era conhecido como Roger nos tempos em que jogava como lateral-esquerdo pelos gramados do Brasil.

Segundo Nassif (2019), Roger iniciou sua carreira como jogador pelo time do Grêmio em 1994, clube este onde teve uma longa passagem que durou até 2003. Atuou também no futebol japonês entre os anos de 2004 e 2005, para então retornar para o Brasil como jogador do Fluminense, clube carioca onde encerrou sua carreira em 2009. Em um curioso paralelo com Andrade, Roger é o jogador recordista de conquistas da Copa do Brasil, competição tida como a segunda de maior relevância no cenário nacional, compilando quatro conquistas, sendo três durante sua passagem pelo Grêmio e mais uma pelo Fluminense.

Nogueira (2015) e Nassif (2019), nos apresentam em seguida, um panorama da carreira de Roger Machado como treinador, tendo essa começado no ano de 2011 quando foi trazido pelo Grêmio para integrar a comissão técnica do time onde teve a oportunidade de dirigir o time de maneira interina por duas vezes. Em 2014, obteve sua primeira oportunidade como técnico efetivo pelo Juventude, clube da serra gaúcha, que então disputava a Série C do Campeonato Brasileiro, o treinador, no entanto, não conseguiu

bons resultados naquela temporada e em 2015 foi contratado pelo Novo Hamburgo, outro time do interior gaúcho para a disputa do campeonato estadual daquela temporada.

Com os bons resultados obtidos naquele Campeonato Gaúcho, Roger Machado finalmente obteve sua primeira chance de dirigir um clube da elite do futebol nacional, quando o Grêmio, clube no qual tinha sido ídolo como jogador e onde começou sua carreira fora das quatro linhas, o contratou para a disputa do Campeonato Brasileiro de 2015 e onde permaneceu até meados de 2016 quando uma série de resultados ruins o levaram a pedir demissão do cargo durante a disputa do campeonato nacional daquele ano.

Em seguida foi contratado pelo Atlético-MG no final do ano de 2016, para a preparação para a temporada seguinte. A passagem de Roger Machado pelo clube mineiro durou apenas durou apenas oito meses, mas rendeu-lhe seu primeiro título como treinador, o do Campeonato Mineiro de 2017, porém resultados ruins no campeonato nacional, novamente levaram a demissão do treinador em julho daquele ano.

Contratado no final de 2017 pelo Palmeiras teve mais uma estadia curta no cargo, sendo demitido novamente por resultados abaixo do esperado no Campeonato Brasileiro de 2018.

Por fim, foi contratado pelo Bahia em abril de 2019, quarto clube da Série A do Campeonato Brasileiro a contar com os serviços do treinador, e onde novamente teve passagem curta, sendo mais uma vez demitido em setembro de 2020 por resultados não satisfatórios no comando da equipe no campeonato nacional.

Como podemos ver, a carreira de Roger Machado como treinador no futebol brasileiro, difere bastante do arco apresentado pela carreira de Andrade, sendo que este teve apenas uma oportunidade em clubes da elite do futebol nacional, já Roger Machado vem disputando a Série A do Campeonato Brasileiro desde 2015, tendo passado por quatro clubes diferentes nesse período.

Sendo assim, é diferente também a contribuição que a análise da carreira de Roger Machado nos traz perante os conceitos apresentados por Almeida (2019), uma vez que a carreira de Andrade nos trouxe evidências das formas com que se apresentam as concepções do racismo institucional e estrutural presente no futebol brasileiro, a carreira de Roger Machado trás sua contribuição na forma da sua luta contra esse racismo estrutural e institucional através do protagonismo que este atingiu através principalmente de declarações à imprensa onde o treinador discute o racismo que enfrenta dentro do esporte.

Pires (2019), aponta que apesar de nunca ter fugido de falar sobre racismo em sua carreira, que foi em 2019, quando ainda técnico do Bahia que Roger Machado começou a ser mais contundente em suas declarações e ações sobre o tema. Causou sua maior repercussão na mídia ao discutir o racismo no meio do futebol brasileiro no episódio em que seu time enfrentaria o Fluminense pelo Campeonato Brasileiro daquele ano. Pires (2019) e Rodrigues (2019) nos apresentam o momento em que os dois únicos técnicos negros da Série A do Campeonato Brasileiro deram as mãos antes do início da partida e comandaram suas equipes vestindo camisas com a frase “chega de preconceito” em ação realizada pelo Observatório da Discriminação Racial no Futebol, organização que monitora casos de racismo no ambiente esportivo.

Após a partida Roger Machado ainda fez questionamentos sobre a condição do negro nos postos de comando não só no meio do futebol, como na sociedade em geral utilizando-se dos conceitos apresentados aqui por Almeida (2019) sobre racismo estrutural e institucional, e argumentou em favor da atuação do Estado na promoção do combate da discriminação racial em postos privilegiados de trabalho no esporte e na sociedade brasileira. Nesse sentido Pires (2019) ainda nos mostra que Roger Machado entende que a falta de técnicos negros no futebol evidencia o caráter estrutural da prática racista na sociedade brasileira, que nega oportunidades iguais aos negros na hora de concorrer a posições de comando nas instituições presentes no Brasil.

Com o episódio acontecido no jogo contra o Fluminense, Roger foi alçado à condição de protagonista no debate racial contemporâneo no futebol brasileiro, evidenciado pelos textos de Ruy (2020) e Silva (2019), uma vez que Marcão era somente treinador interino da equipe do Fluminense e pelo fato de Roger Machado se mostrar bastante disposto a falar do tema, muitas vezes evitado na mídia.

Por fim, analisaremos a reportagem de Vico (2020), onde o treinador falou sobre as diversas faces do racismo que sofreu e sofre tanto na esfera profissional, como no âmbito pessoal. Já no título da reportagem está presente uma frase marcante de Roger que diz por conta de ter sido jogador ele “clareou um pouquinho”, é preciso, no entanto, contextualizar a frase do então técnico do Bahia, Roger a usa explicando como “o futebol ‘embranquece’ o negro”, uma vez que ele percebeu que após entrar para o mundo do futebol profissional em um clube da elite do esporte no Brasil como é o Grêmio, ele se viu, através de uma ascensão social proporcionada pela visibilidade do grande clube e da questão financeira, a frequentar lugares onde até os 19 anos, antes de começar sua carreira de jogador ele não se entendia pertencente. Essa afirmação vem de encontro com os

argumentos apresentados por Almeida (2019), quando este nos apresenta a importância do entendimento da prática racista como processo político das sociedades:

no Brasil, além da aparência física de ascendência africana, o pertencimento de classe explicitado na capacidade de consumo e na circulação social. Assim, a possibilidade de “transitar” em direção a uma estética relacionada à branquitude, e manter hábitos de consumo característicos da classe média, pode tornar alguém racialmente “branco”. O mesmo não acontece nos Estados Unidos, cujo processo de classificação racial no bojo do processo de formação nacional conduziu o país a uma lógica distinta no que se refere à constituição identitária. (Almeida, 2019, p. 37)

Em seguida Roger Machado discute o começo de sua transição de jogador para treinador e pondera justamente sobre a diferença do tratamento nas duas condições. Se como jogador Roger se sentia “embranquecido” por sua nova condição financeira, assim como pelo seu trânsito em meios sociais que até então estavam vetados a ele, a tentativa de se tornar técnico de futebol o lembrou da sua condição de homem negro no Brasil, como ele deixa tal condição clara quando diz a Vico (2020), “jogar bola tu pode. Agora, ascender a um outro lugar da pirâmide, o cargo de gestão, subentende-se capacidade intelectual... eu não estaria ao alcance disso.”, mais uma vez Roger vai de encontro a Almeida (2019), ao explicitar para o leitor essa face do racismo estrutural e institucional que padroniza de forma racial as pessoas e atribui a elas características baseadas em visões racializadas do mundo.

Roger Machado, demonstra assim, seu valor como ser humano, como jogador, como treinador e como ser político que atravessa e é atravessado pela sociedade em que vive. Ao trazer o debate político das formas estruturais e institucionais do racismo, mostradas também por intelectuais negros contemporâneos como Sílvio de Almeida, presentes na sociedade brasileira para o contexto do futebol, ele acaba por demonstrar também que vale a pena olharmos e estudarmos profundamente esses contextos e pessoas e que a luta política é essencial na transformação da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos essa pesquisa com vários questionamentos sobre a possibilidade de relação entre o exercício da política e da prática do futebol.

Esses questionamentos acabaram por nos levar a uma viagem pela história do esporte no Brasil que nos apresentou um cenário cheio de contradições, segregação e

desigualdade, não muito distante da história do Brasil como um todo, mas que também nos apresentou momentos de orgulho, glória e principalmente de luta, novamente não muito distantes dos acontecimentos da história geral do país.

O elitismo e o racismo mostrados na primeira parte dessa pesquisa e presentes nos primórdios da prática do futebol no Brasil, apesentam-se como um paralelo do racismo e elitismo presente nos primórdios da formação do país.

A condição das pessoas negras no Brasil também pode ser vista através da história de lutas e de conquistas dessa população ao longo do tempo no âmbito do futebol. Pois assim como mostrado na primeira parte da pesquisa onde pudemos enxergar as vitórias da luta antirracista para que os negros pudessem ter acesso a prática de um esporte que começou como atividade física em colégios de imigrantes ingleses e que teve na elite econômica do país o maior obstáculo para a popularização da prática, uma vez que esta desejava ter o esporte só para si.

Tais vitórias pareciam até mesmo exemplificar as teorias de que no Brasil se vivia ou se vive uma “democracia racial” de tão fortes e significativas que se mostraram. Era a Seleção de 70 com Pelé e a capacidade inigualável daquela geração de jogadores de transformar um esporte em prática artística, e que tanto orgulhavam e representavam o país para a sociedade da época.

Entretanto, a análise mais aprofundada do cenário atual da estrutura e das instituições do futebol e da sociedade no Brasil, demonstram que esse conceito de “democracia racial” aparece totalmente fora da realidade tanto do Brasil contemporâneo, como do Brasil de qualquer época, já que apesar da popularização e representatividade presente dentro das quatro linhas de um campo de futebol, essas não se estenderam para fora dele, para as posições de poder dentro do esporte, que continuam dominadas pelo mesmo grupo de sempre, assim como nas posições de poder político. Dando assim, um gosto de incompletude, de superficialidade às vitórias conquistadas.

Mas podemos enxergar ainda no final dessa pesquisa que o horizonte da sociedade brasileira é o da luta política, aqui nessa pesquisa exemplificada pela luta por inserção dos técnicos brasileiros, mas que se estende a todas as esferas da vida social.

Terminamos então com o exemplo de Roger Machado em sua disposição de lutar pelo espaço dos negros em posições privilegiadas dentro da estrutura do futebol, com a esperança proporcionada pelas vitórias obtidas pelo caminho e guiados pelo desejo de construir uma sociedade, uma política e um futebol com menos desigualdades e com os quais possamos nos sentir orgulhosos e representados como povo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo estrutural. São Paulo: Pólen, 2019.
- CALDAS, Walmir. Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro. Revista USP. n. 22, p.40-49, agosto 1994.
- CAPARICA, Anselmo. CASSUCCI, Bruno. BRAGA, Marcelo. Corinthians anuncia retorno do técnico Fábio Carille. GE, 2018. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/corinthians-anuncia-retorno-do-tecnico-fabio-carille.ghtml>> Acessado em 02 nov. 2020.
- DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. Revista USP. n.22, p. 10-17, agosto 1994.
- DRUMOND, Mauricio. O esporte como política de Estado: Vargas. In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de. História do Esporte no Brasil: do Império aos dias atuais. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- FILHO, Mário. O negro e o futebol brasileiro. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade. São Paulo: Companhia das letras, 2007.
- FRANZINI, Fábio. A futura paixão nacional: chega o futebol. In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de. História do Esporte no Brasil: do Império aos dias atuais. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- FREYRE, Gilberto. Casa-grande & senzala. 42.ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro do; SILVA, Carmelo. Pra Frente Brasil! Comunicação e identidade brasileira em Copas do Mundo. Esporte e Sociedade. Ano 5, n.13, nov2009/fev2010.
- HIRSCH, Joachim. Forma política, instituições políticas e Estado – I. Crítica Marxista, n. 24, 2007. p. 26. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo212artigo1.pdf>. Acessado em: 20 out. 2020.
- KOCH, Rodrigo. De virada é mais gostoso? Rupturas e deslocamentos na trajetória do futebol brasileiro. Esporte e sociedade. Ano 7. n. 22, p. 154-174, setembro, 2012.
- LIMA, Vanderlei. Andrade, último técnico negro campeão brasileiro: “se você parar para pensar, não tem diretor negro”. UOL, 2019. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/andrade-ultimo-tecnico-negro->

[campeao-brasileiro-se-voce-parar-para-pensar-nao-tem-diretor-negro/](#)>. Acessado em: 30 out. 2020.

MENDONÇA, Renata. Técnicos negros sofrem para quebrar preconceito e ganhar espaço no futebol. BBC News Brasil, 2014. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/11/141111_racismo_tecnicos_futebol_rm>. Acessado em: 30 out. 2020.

MUNIZ, Raíssa Gomes. Racismo na mídia: uma análise da cobertura do técnico Andrade. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social). Universidade de Brasília. Brasília, 2011.

NASSIF, Túlio. Que fim levou: Roger Machado. Terceiro tempo, 2019. Disponível em: <<https://terceirotempo.uol.com.br/que-fim-levou/roger-machado>>. Acessado em 06 nov. 2020.

NOGUEIRA, Hudson de Souza. E o “professor” não pode ser negro? O jornalismo esportivo e seu olhar sobre o racismo. Trabalho de Conclusão de Curso (Habilitação em jornalismo). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015.

OLIVEIRA, Alex Fernandes de. Origem do futebol na Inglaterra e no Brasil. Revista Brasileira de Futsal e Futebol. v. 4, n. 13, p.170-174, setembro 2012.

PIRES, Breiller. Dois únicos técnicos negros do Brasileirão escancaram o racismo: “Negar e silenciar é confirmá-lo”. El País Brasil. 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/13/deportes/1570983578_952565.html>.

Acessado em: 09 nov. 2020.

RODRIGUES, Pedro Vítor Vieira. Evento esportivo é lugar para manifestação política: uma análise sobre o texto do Tiago Leifert com base em exemplos históricos e na Nova Retórica de Chaim Perelman. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

RODRIGUES, Rodolfo. O peso de Dunga. UOL, 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/dunga-esta-ha-4-anos-sem-time-e-descarta-voltar-a-selecao-meu-tempo-ja-passou/#cover>> Acessado em: 01 nov. 2020.

RUY, Marcos Aurélio. Roger Machado e o racismo no futebol brasileiro. Vermelho, 2020. Disponível em: <<https://vermelho.org.br/2020/01/17/roger-machado-e-o-racismo-no-futebol-brasileiro/>>. Acessado em: 08 nov. 2020.

SALAZAR, Tiago. O Mito está de volta! Rogério Ceni é o novo técnico do São Paulo. Gazeta Esportiva, 2016. Disponível em: <https://www.gazetaesportiva.com/times/sao->

paulo/o-mito-esta-de-volta-rogerio-ceni-e-o-novo-tecnico-do-sao-paulo/. Acessado em: 01 nov. 2020.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos. Memória Social dos Esportes – Futebol e Política: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad Editora / FAPERJ, 2006.

SILVA, Juremir Machado da. Roger tirou o racismo do armário. Correio do Povo, 2019. Disponível em: <<https://www.correiodopovo.com.br/blogs/juremirmachado/roger-tirou-racismo-do-armario-1.373511>>. Acessado em: 09 nov. 2020.

SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. O racismo no futebol do Rio de Janeiro nos anos 20: uma história da identidade. In: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves; LOVISOLO, Hugo. A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

VICO, Marcelo de. Técnico Roger Machado dá aula sobre racismo e diz por que “clareou um pouquinho” quando virou jogador. UOL, 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/esporte/reportagens-especiais/tecnico-roger-machado-da-aula-sobre-racismo-e-diz-por-que-clareou-um-pouquinho-quando-virou-jogador/>>. Acessado em 08 nov. 2020.

WISNICK, José Miguel. Veneno remédio: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das letras, 2008.